



III SEMANA UNIVERSITÁRIA - 2016
ÉTICA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

A LITERATURA INDÍGENA E AFRICANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A LITERATURA BRASILEIRA NO ÂMBITO HISTÓRICO – CULTURAL DA EDUCAÇÃO

Abel Medeiros de Lima

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: abelmedeirosl@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho trata de ampliar a compreensão da diversidade da cultura brasileira através das contribuições das literaturas indígenas e africanas para a cultura e educação no Brasil. Desconstruindo a imagem controversa que fizeram do índio e do negro figuras marginalizadas, a ideia aqui é evitar ao máximo a visão eurocêntrica, objetivando sempre que possível a história que não se conta, por meio da literatura autóctone e da própria oralidade como forma de estender a modalidade oral por meio da literatura escrita e que assim possamos consolidar uma visão menos estereotipada de nossas matrizes étnicas, seja em livros didáticos ou no próprio discurso. Sabemos que a literatura exerce um papel determinante na difusão da cultura e dos saberes, estabelecendo um paralelo entre a história e a linguagem como forma de democratizar o conhecimento por meio da arte e poesia, e oralidade quando tratamos da cultura indígena e africana, de forma a recriar a realidade na construção de um imaginário que desperte o prazer do leitor e permita que este reflita sobre o processo de formação social, cultural, histórica e política de um povo. A literatura tem como característica utilizar um “jogo de palavras” que permite fugir as regras gramaticais, instigando o leitor a entender o processo criativo do texto pela via da semântica, portanto, sua principal ferramenta é a língua, e se tratando de literatura brasileira são milhares os vocábulos de origem indígena e africana no português do Brasil. Ao analisar o papel dos povos indígenas e africanos na condição de colonizados e a influência da língua portuguesa na formação de suas respectivas literaturas, pudemos notar a necessidade de se valorizar a cultura de nossas matrizes étnicas nas instituições de ensino básico, na forma da lei 10.639/03, alterada pela lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e indígena em todas as escolas públicas e privadas do

ensino básico no Brasil. Talvez por ainda não existir um critério formal para a definição do que seja um texto literário ou não é que se torna desafiador pesquisar e resgatar a cultura do oprimido, que sempre foi explorado e tiveram suas identidades negadas pelo domínio colonialista, e a partir do momento que somos influenciados a negar a nossa própria identidade por meio de uma educação impositiva, temos o que Paulo Freire chama de “pedagogia do oprimido”. Com base nessas questões surgem algumas reflexões; ao retratar a literatura indígena e africana é evidente que a história é contada sob a ótica do colonizador, portanto, falar dessas literaturas no contexto educacional brasileiro torna-se desafiador, uma vez que, o discurso que representa o “outro” sempre esteve atrelado aos interesses da elite colonial escravocrata dominante na época, que generalizou e distorceu a história dos fatos a seu favor, utilizando a literatura como uma ferramenta de domínio e persuasão. Portanto, tendo em vista esses desafios e a necessidade de valorizar o ensino da história e cultura africana e indígena na escola é que lanço a seguinte pergunta; qual a melhor maneira de abordar a importância literária de nossas matrizes étnicas para educação no Brasil? Na busca de uma resposta convincente é que vou de encontro aos estudos de grandes pesquisadores da área na tentativa de formar uma boa base teórica para o desenvolvimento desta pesquisa.

Palavras – chave: Literatura, Educação, Cultura, Oralidade, Etnia.